

O presente
de Natal
*e outros
contos natalinos*

Andréia Borges da Silva

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2022

O Presente de Natal

— José! Vem almoçar, menino. Só fica aí soltando pipa.

— Já vou, mãe. — gritou José.

O menino continuou ali com sua pipa colorida. Era uma de suas brincadeiras favoritas.

Às vezes corria mais de um quilômetro atrás de pipa, que caía em algum terreno ou casa.

Ele e alguns meninos da comunidade disputavam para ver quem conseguiria capturar a pipa.

A mãe de José ficava impaciente todas as vezes que ele estava soltando pipa. Ele se esquecia de almoçar, de tomar banho, de fazer o dever de casa.

— José, vou aí te buscar. Já vou com o chinelo na mão. — gritou sua mãe.

José, então, resolveu voltar para casa. Sabia que quando sua mãe dizia que iria com o chinelo, não era da boca para fora.

— Menino, olha como você está imundo. Vai já tomar um banho pra almoçar.

José tomou banho e sentou-se para almoçar.

— O que tem de comida, mãe?
— Arroz, feijão e farinha.
— A carne já acabou?
— Acabou ontem. Tá muito cara. Não posso comprar toda semana. Se você não ficasse o dia inteiro soltando pipa, podia ir pro sinal vender doce pra gente poder comprar carne.
— Mãe, a gente vai ter ceia de natal?
— Com que dinheiro?
— Então amanhã eu não vou soltar pipa. Vou pro sinal vender bala.
— Até que enfim você tá criando juízo. Pega cinco sacos de jujuba e três caixas de paçoca na venda de Seu Antônio. Diz pra ele que a gente paga depois. Amanhã bem cedo você vai pro sinal. E só sai de lá quando vender tudo.

— E se eu não vender, mãe?
— Tem que vender.

José foi na mercearia de Seu Antônio e comprou os doces fiado, como a mãe pedia.

Acordou bem cedo, desceu o morro da comunidade e ficou lá no sinal vendendo doces.

Era véspera de natal. Alguns carros paravam e os motoristas lhe davam atenção. Outros desviavam o olhar. Não queriam saber de dar dinheiro para menino de rua.

Depois de longas horas no sinal, em um calor escaldante de quarenta graus, apenas tinha conseguido vender meia dúzia de paçocas e algumas poucas jujubas.

“Minha mãe vai brigar comigo. A gente vai ficar sem ceia de natal.”

José estava cabisbaixo, pensando na vida, sonhando com uma ceia, até que um carro parou e perguntou por que ele estava ali naquele sol, na véspera de natal.

— É que eu e minha mãe nunca tivemos uma ceia de natal. A gente não tem dinheiro. Ela disse para eu vender esses doces pra gente poder comprar a comida da ceia.

— Já consegui vender muito?

— Quase nada. — respondeu José, choramingando.

— Quanto que custa todos esses doces?

José tentou fazer um cálculo. O rapaz lhe deu o dobro do que José calculou.

— Moço, aqui tem muito mais do que eu pedi.

— É pra que você e sua mãe tenham uma linda noite de natal.

José agradeceu e começou a chorar. O rapaz se despediu.

Seria a primeira vez em seus onze anos de vida que teria comida de ceia. Ele não conhecia o pai, que sumira no mundo quando ele tinha dois meses. Vivia com a mãe, que fazia algumas faxinas na zona sul.

Subiu o morro cantarolando músicas de natal. Estava com o coração acelerado para contar para a mãe que tinha conseguido vender todos os doces e que tinha ganhado mais do que eles valiam.

Quando chegou em casa, sua mãe não estava. Procurou na comunidade, mas ninguém sabia dela.

José saiu para comprar comida. Queria fazer uma surpresa para a mãe.

Pediu ajuda de uma vizinha para preparar o frango assado.

A noite chegou. José já estava com o estômago doendo de tanta fome, mas sua mãe ainda não havia aparecido.

Adormeceu. Acordou com o barulho de sua mãe chegando em casa, cambaleante, derrubando um prato de comida. Ela estava completamente bêbada.

— Mãe, eu consegui comprar nossa ceia.

— Que filho lindo que eu tenho. Ela caiu no sofá e dormiu como uma pedra.

— Mãe, lembra! Eu preparei uma ceia pra gente. — falou sacolejando a mãe, que não acordou.

— Poxa, mãe. É nossa primeira ceia. — falou José choramingando.

José então sentou-se e comeu um pedaço do frango com a farofa pronta, que havia comprado, e tomou um copo de refrigerante.

Depois, deitou-se ao lado da mãe no sofá e adormeceu junto dela.

A Mensagem de Natal

Leandro estava caminhando para o trabalho. Tropeçou em uma garrafa. Reclamou da sujeira na cidade e da falta de educação das pessoas. Depois, olhou com mais calma e viu que não era uma garrafa qualquer.

A garrafa estava com uma rolha. Pelo lado externo, que era transparente, dava para ler uma mensagem: tire a rolha e leia o bilhete.

Leandro ficou um pouco assustado. E estava atrasado. Ficou alguns segundos se dividindo entre a dúvida, o medo e a pressa.

Resolveu abrir a garrafa. Ela continha a seguinte mensagem:

“Se você tropeçou nessa garrafa e abriu-a para ler essa mensagem, saiba que ela foi destinada a você. Vá até a biblioteca pública da cidade e procure uma mensagem na página quarenta do livro ‘O velho e o mar.’”

Leandro deu uma olhadela à sua volta. Achou que podia ter alguém escondido fazendo alguma brincadeira com quem tropeçasse na garrafa. Não avistou ninguém.

Apressou os passos até o trabalho. A biblioteca pública ficava a dois quarteirões do seu trabalho. Resolveu ir até lá no horário do almoço. Estava curioso sobre a mensagem. Ainda que fosse uma brincadeira, queria saber até onde a pessoa iria.

Na biblioteca encontrou um problema: havia dez edições de “O velho e o mar”. Teve que pedir as dez, ou melhor, nove, pois uma delas estava emprestada.

Abriu o primeiro livro e nada encontrou. Então foi abrindo todos os livros, até que, no quinto livro, localizou mais uma mensagem:

“Parabéns por ter vindo até aqui. Saiba que você é uma pessoa especial por ter encontrado aquela garrafa. O Universo quer te entregar algo. Vá até o jardim botânico e procure o orquidário. Dentro do vaso da orquídea lilás, você irá encontrar mais uma mensagem.”

— Caramba! Essa pessoa quer me enlouquecer. Como é que eu vou achar um bilhete no meio de tanta orquídea? Parece um jogo, o grau de dificuldade está aumentando... Amanhã cedo eu vou até lá.

No dia seguinte, Leandro foi ao orquidário do jardim botânico e, como imaginava, havia inúmeras orquídeas na cor lilás. Começou a procurar o bilhete dentro de cada vaso. Depois de quase duas horas, encontrou-o:

“Parabéns por ter chegado até aqui. O Universo irá recompensá-lo. No final de semana, visite o asilo da cidade. Debaixo da árvore de natal, você irá encontrar um embrulho preto. A mensagem estará dentro dele.”

Leandro ligou para o asilo e perguntou se poderia fazer uma visita no sábado pela manhã. Falou que levaria um bolo para os idosos.

Quando chegou, um senhor o abraçou e pediu para que Leandro lesse um livro pra ele. Estava com problema de vista e não conseguia mais ler.

Leandro passou o dia lendo um livro para os moradores do asilo. Ficou tão entretido com a leitura que, por alguns momentos, até se esquecera de seu intuito naquela visita.

Terminada a leitura, foi até a árvore de natal e pegou o embrulho preto. Colocou em sua mochila, disfarçadamente.

Despediu-se dos moradores. Já na rua, tratou de abrir logo o embrulho, que tinha a seguinte mensagem:

“Parabéns por ter encontrado mais essa mensagem. Em breve, o Universo te dará o que busca. Vá até a comunidade do seu bairro e visite a ONG que trabalha com as crianças. Na janela da ONG, haverá um bilhete embaixo de um dos vasos de plantas.”

Leandro foi na segunda pela manhã até a ONG. Perguntou se poderia ajudar em algo. Eles estavam precisando de doações de fraldas e de roupas. Leandro voltou ao seu bairro e pediu ajuda aos vizinhos. Conseguiu roupinhas em bom estado, além de contribuições em dinheiro para as fraldas.

Voltou no dia seguinte e levou as doações. Então, resolveu procurar a mensagem, que realmente estava na janela.

Ao sair da ONG, leu a mensagem:

“Ótimo trabalho! Você avançou de nível. Fique atento. Em breve, você encontrará mais uma mensagem.”

— Poxa! Dessa vez, não tem nenhuma pista. Já estava me acostumando com a brincadeira.

Seu celular tocou. Era sua mãe, perguntando se ele chegaria tarde. Era a noite da ceia de natal.

Leandro havia se esquecido completamente. Nem tinha comprado o presente de seus pais. Assim que saiu do trabalho, foi ao shopping comprar os presentes e os colocou embaixo da árvore de natal.

Já arrumado, seu pai chamou-o para conversar.

— Filho, como tem sido as últimas semanas? Você não para em casa, temos conversado pouco.

— Se eu contar, o senhor não acredita...

— O que houve?

— Achei uma garrafa na rua com uma mensagem, que levava a outra e a outra e a mais outra. Não sei onde isso vai parar...

— A mensagem mandou fazer algo interessante?

— Eu estava achando que era um jogo, com níveis de dificuldade. Até estava divertido. Mas, depois, também teve visita no asilo e na ONG que cuida de crianças. Acabei me envolvendo com o trabalho das instituições. Vou querer voltar nelas outras vezes.

— Que ótimo, meu filho. Vejo que suas semanas foram proveitosas.

Um pouco antes da ceia, seu pai falou que Leandro poderia pegar o seu presente embaixo da árvore.

A caixa estava leve. Ela continha uma mensagem:

“Adorei saber que você teve nas mãos o meu livro favorito. E que visitou o orquidário, que sua mãe adora. E, principalmente, fiquei muito feliz por saber que você ajudou crianças e idosos. Parabéns! Você passou para o próximo nível. Feliz natal, meu filho!”

— Pai, o tempo todo era você. Como foi que eu não matei essa charada? O Senhor sempre falou desse livro. A mamãe ama orquídeas. E vocês vivem falando para eu separar um tempo da semana para ajudar alguém que precise. Vocês são demais!

— Filho, agora um outro presente, aquela caixa vermelha ali.

Leandro abriu a caixa e ela continha uma passagem aérea para Nova York, como ele sonhara.

— Pai, nem sei o que dizer...

— Feliz natal, meu filho!

LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Utopia Std pela
Editora Penalux e impresso em papel off-
white 80 g/m², em agosto de 2022.
